



Hipertexto e webjornalismo: implicações da textualidade digital no fazer jornalístico¹

Mauro de Souza Ventura²

Universidade Estadual Paulista - Unesp.

Resumo

O artigo busca estabelecer relações entre a tecnologia do hipertexto, caracterizada pela não-linearidade e pela construção coletiva, e o fazer jornalístico contemporâneo. Do ponto de vista narrativo, a escrita hipertextual nos coloca diante de uma reconfiguração de categorias clássicas da textualidade: a este novo conceito de texto está ligado um novo leitor e um conceito distinto de autoria. Assim, é de se perguntar sobre o impacto desse novo paradigma textual sobre o webjornalismo, e, em específico, sobre os critérios de seleção da notícia e a própria hierarquização do noticiário.

Palavras-chave

Hipertexto; hipermídia; webjornalismo; narrativa; leitura e escrita na web.

Introdução

São múltiplas as definições de hipertexto, mas é ponto pacífico entre os estudiosos da área que tal definição inclua necessariamente a natureza não-linear e não-sequencial desta narrativa e, por consequência, sua estrutura aberta e inacabada. Assim, a não-linearidade instaura uma nova ordem na leitura de um documento, que poderá diferir de um leitor para outro. Conforme Aarseth (Apud Leão, 2001:59), o texto não-linear é aquele que, por meio de um “agenciamento cibernético”, estimula o surgimento de uma seqüência arbitrária. Isto significa dizer que o hipertexto permite o estabelecimento de ligações rápidas para diversas redes associativas. Como consequência, instaura e potencializa uma leitura descontínua e multivocal.

Do ponto de vista narrativo, a escrita hipertextual nos coloca diante de uma nova configuração de categorias clássicas da textualidade: a este novo conceito de texto está ligado um novo leitor e, mais adiante, um novo conceito de autoria. Ora, é de se perguntar sobre o impacto desse novo paradigma textual no trabalho jornalístico, em especial, naqueles elementos que viabilizam a construção da narrativa jornalística, ou seja, os critérios de seleção da notícia e a própria hierarquização do noticiário.

¹ Trabalho apresentado no VII NP-Intercom – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação.

² Jornalista, Doutor em Teoria Literária pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e Mestre em Jornalismo e Editoração pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É professor de Jornalismo Digital no Departamento de Comunicação Social da UNESP/Bauru. É autor de *De Karpfen a Carpeaux* (Ed. Topbooks). E-mail: mauroventura@faac.unesp.br



Sistema hipermediático e escrita hipertextual

Antes de examinarmos as particularidades da narrativa hipertextual, convém fazer referência, ainda que breve, aos elementos que tornam possível tal não-linearidade: trata-se da hipermídia, dispositivo tecnológico que engloba recursos do hipertexto e da multimídia. Elementos inseparáveis, as tecnologias da hipermídia e do hipertexto viabilizam a construção de um texto fragmentado, atomizado em seus elementos constitutivos, ou seja, as lexias. Conforme Landow (1992:52), “essas unidades legíveis passam a ter vida própria ao se tornarem menos dependentes do que vem antes ou depois na sucessão linear”. Assim, é a tecnologia hipertextual que permite que a Web seja uma teia, uma malha de informações interconectadas, numa sucessão de links que conduzem o usuário a diferentes pontos do sistema. (Leão, 2001)

Outra característica fundamental da não-linearidade do hipertexto está no surgimento de uma seqüência arbitrária de links. Isto conduz o problema para o conceito de complexidade, entendido aqui como algo que é tecido em conjunto, traço maior da hipermídia.

“No caso da hipermídia, o que define a trama do tecido *complexus* é que este se forma através de um jogo circular onde os binômios *ordem/desordem*, *acaso/determinação*, *interação/retroação* se conjugam de forma infinita e simultânea”. (Leão, 2001:64)

Esta organização policêntrica dos sistemas hipermediáticos altera o sentido de texto principal e texto secundário. Como relata Landow (1999: 69-70), “o hipertexto redefine o central ao recusar dar garantia de centralidade a qualquer coisa, a qualquer lexia, por mais tempo que um olhar repouse sobre ela”. Assim, se cada site representa um centro, estamos na verdade diante de um sistema acentrado. Ao mesmo tempo, cumpre assinalar que a natureza desta escrita topográfica é móvel; logo, a arquitetura da informação deve ser concebida como algo mutável e flexível.

Hipertexto e estrutura rizomática

A estrutura aberta da escrita hipertextual remete-nos ao conceito de rizoma, desenvolvido por Deleuze e Guattari num contexto de crítica aos procedimentos dicotômicos da razão ocidental. Para os autores, o sistema rizomático opõe-se ao



modelo arborescente de pensamento e caracteriza-se pelos princípios de conexão, heterogeneidade e multiplicidade.

Qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem. A árvore lingüística à maneira de Chomsky começa ainda num ponto S e procede por dicotomia. Num rizoma, ao contrário, cada traço não remete necessariamente a um traço lingüístico: cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc., colocando em jogo não somente regimes de signos diferentes, mas também estatutos de estados de coisas”. (Deleuze e Guattari, 1995:10)

A multiplicidade é dada pela própria natureza da Web, rede cujo crescimento e vitalidade “não se encontram localizados em um ponto central e específico” (Leão, 2001: 24). Nesse aspecto, é preciso assinalar que o conceito de hipertexto está sendo pensado em sua íntima relação com o conceito de hipermídia, potencializados pela noção de rede e de computador. Conforme Lúcia Leão,

“o que faz da Web uma teia, uma rede na qual uma complexa malha de informações se interligam é a própria tecnologia hipertextual, que permite os elos entre os pontos diversos. Cada página, cada site, traz em si o potencial de se intercomunicar com todos os outros pontos da rede”. (Leão, 2001: 24)

Ao mesmo tempo em que aumentam as conexões, a própria morfologia da rede vai se transformando numa teia de multiplicidades cuja palavra síntese é o rizoma. “Não existem pontos ou posições num rizoma como se encontra numa estrutura, numa árvore, numa raiz”, escrevem Deleuze e Guattari (1995:11). Estamos diante de um sistema organizado de forma policêntrica, em que as noções de interior e exterior, central e periférico, principal e secundário deixam de fazer sentido quando se trabalha com o conceito de rizoma. “Pode-se dizer que, na Internet, o centro está em toda parte e em lugar nenhum, o que nos leva à definição de um sistema acentrado”, define Leão (2001:71).

Esta estrutura dinâmica propiciada pela tecnologia da hipermídia produz um documento que pode ser acessado de diversas maneiras. Heylighen (Apud Leão, 2001:16) denomina esta navegação por caminhos diversos de um documento de “hipermídia distribuída”, por agregar três elementos: hotlinks, informações oriundas de qualquer mídia e distributividade, numa referência ao fato de que “os documentos



conectados podem estar situados em várias partes do mundo, mantidos por equipes diferentes” (Leão, 2001:16).

Por sua natureza não-linear, descentralizada, rizomática e multivocal, a escrita hipertextual tem sido comparada ao funcionamento da mente humana que, numa seqüência infinita de associações, levaria a um estado de anarquia labiríntica (Cordeiro, 23/3/2007; Aquino, 21/2/2007).

Leão, por sua vez, considera que a arquitetura de um hiperdocumento baseada na multiplicidade de lexias cria no usuário uma percepção fragmentada, o que pode explicar o aparente caos da metáfora do labirinto:

“Quanto mais elos um documento oferecer, mais mobilidade é potencialmente possível. Porém, esse tipo de amarração tem gerado um outro problema: uma construção baseada em uma multiplicidade de lexias. A exploração do espaço computacional mediante fragmentos atomizados cria uma percepção também fragmentada”. (Leão, 2001:111)

Com efeito, a escrita topográfica do hipertexto rivaliza e rompe com a hierarquização do conteúdo. Como afirma Bolter,

“Em lugar de hierarquias, nós temos uma escrita que não é apenas tópica: nós podemos chamá-la também de ‘topográfica’. (...) Não é a escrita de um lugar, mas, mais propriamente, uma escrita com lugares, com tópicos concebidos espacialmente”. (Apud Leão, 2001: 112)

A passagem acima permite que se reflita sobre as conseqüências para a prática jornalística de uma escritura multidimensional, fragmentada em blocos atomizados. Interessa indagar sobre o funcionamento dos elementos básicos do trabalho jornalístico, como a hierarquização e a organização do conteúdo, diante dessa escrita rizomática, que se conecta em múltiplas direções e está sempre aberta a modificações. Como atestam Deleuze e Guattari, o hipertexto tem a marca do rizoma, que é como uma cartografia, “um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”. (Deleuze e Guattari, 1995:19)

A textualidade digital

Essa escrita nômade e rizomática instaura um novo conceito de texto, não mais amparado na tradição do códice impresso e da escrita fonética. Ao mesmo tempo em



que conduz ao aparecimento de novos gêneros textuais, o hipertexto nos coloca diante de questões ligadas à teoria do texto, em especial na vertente pós-estruturalista.³ Como escreve Andréia Cordeiro, a textualidade digital contribui para instaurar novas práticas de leitura e de escrita. “Autor e leitor são dois conceitos que sofrem uma grande mudança, diluindo-se. Assim sendo, quem escreve e quem lê passam a ser duas faces de uma mesma moeda” (Cordeiro, 23/3/2007) Com o jornalismo colaborativo, por exemplo, o leitor deixa de ser apenas consumidor da notícia para constituir-se também em produtor.

Os dispositivos hipertextuais parecem levar às últimas conseqüências o processo de artificialização da leitura, a tal ponto que realizam um descentramento do texto. Nesse sentido, do ponto de vista do leitor, até mesmo uma nota de rodapé, secundária diante do texto principal, assume uma autonomia relativa, na medida em que pode se constituir em ponto de entrada para o documento. Estamos diante de um conceito de texto aberto, em que o usuário, em sua prática de leitura, realiza seu próprio percurso. Como anota Cordeiro, “a virtualidade deste modelo hipertextual veio tornar ambígua e quase inexistente a relação de hierarquia que o texto mantinha com o autor”.

Ora, do ponto de vista jornalístico, a arquitetura da informação tem trabalhado a organização de uma página a partir do fundamento básico do jornalismo, que é a hierarquização do conteúdo. A intertextualidade e a não-linearidade, duas das principais características do dispositivo hipertextual, podem conduzir o leitor para uma situação de desorientação ou de caos.

Outra implicação significativa no fazer jornalístico provocada pelo surgimento da narrativa hipertextual está na interatividade. Mais e mais a participação do leitor tem sido considerada nas rotinas jornalísticas, seja em fóruns, chats, enquetes ou até mesmo na criação de conselhos de leitores. Este tipo de participação já tem sido objeto de estudo. Interessa-nos, aqui, examinar as implicações do hipertexto cooperativo na prática jornalística. Antes, porém, convém determo-nos na questão conceitual.

Segundo Primo (2002 e 2003), a interatividade pode ser classificada em função do grau de participação do usuário na construção do hipertexto. Sendo assim, sempre que o percurso de leitura já estiver pré-determinado pelo programador, estaremos diante

³ A esse respeito, remeto o leitor aos estudos de George Landow, que constrói sua teoria do hipertexto a partir de correlações com os teóricos do pós-estruturalismo, em especial Roland Barthes e Jacques Derrida. Cf. LANDOW, George. *Hypertext: the Convergence of Contemporary Critical Theory and Technology*. Baltimore: John Hopkins Univ. Press, 1992.



de um hipertexto potencial; se houver algum grau de atividade do internauta no documento, ou seja, se ele puder alterar a morfologia da página em pontos já previstos pelo arquiteto da informação, então estamos um passo à frente, ou seja, num hipertexto colagem. Mas a verdadeira construção coletiva é aquela em que programador e usuário criam, juntos, a página. É o que ele denomina de hipertexto cooperativo, cujos exemplos principais hoje são os blogs e a Wikipedia, ferramentas que compõem aquilo que já se convencionou chamar de Web 2.0 e que inclui ainda experiências de jornalismo participativo, como Ohmy News, Wikinews e Slashdot.

“A Web 2.0 caracteriza-se pela constante produção e recriação online dos bens públicos. Além disso, os próprios meios produtivos encontram-se em permanente atualização, o que confere à Web 2.0 o caráter de beta eterno” (Primo, 2006: 84).

A partir dessas premissas, Cordeiro argumenta que não é possível considerar a prática hipertextual da Internet de hoje como verdadeiramente interativa, já que o usuário, como observa Aquino, “não interage totalmente nas páginas, porque não possui total liberdade e flexibilidade de se manifestar” (Aquino, 21/2/2007). De acordo com Primo (2006:84), na Web 2.0 a participação do usuário na escrita hipertextual é “levada ao limite”.

Na medida em que o usuário se torna co-desenvolvedor de uma página informativa, por exemplo, a primeira consequência é o desaparecimento da escrita individual. A segunda e, a meu ver, mais radical consequência, está na transformação do cidadão em potencial jornalista. Assistimos, já há uma década, pelo menos, esse processo de fragmentação da instância da mídia, proporcionada pela miniaturização dos equipamentos de captação de imagens e pela rapidez de transmissão gerada por uma sociedade em rede.

Com efeito, poderíamos perguntar, como o faz Ignácio Ramonet, sobre o que acontecerá com o jornalismo se todos puderem ser jornalistas? Longe de levar a discussão para questões corporativistas, ou de defesa da profissão em si, o que se pretende questionar é os limites e possibilidades da aplicação da tecnologia do hipertexto na atividade jornalística em sua especificidade.

“Também as novas tecnologias favorecem o desaparecimento da especificidade do jornalismo. Ao mesmo tempo que as tecnologias da comunicação se desenvolvem, o número de grupos ou de indivíduos que comunicam é maior.



Assim, a Internet permite a qualquer pessoa não só ser efetivamente, à sua maneira, jornalista, mas até encontrar-se à frente de uma mídia de alcance planetário”. (Ramonet, 1999:56)

Para Ramonet, esta questão está no âmago das discussões sobre a crise da mídia na atualidade. Com a narrativa hipertextual, as categorias de autor e leitor fundem-se numa só instância, na medida em que os recursos de hipermídia instauram uma nova prática de recepção: ao percorrer um hiperdocumento, o internauta cria um outro documento virtual, constituído pelas escolhas que faz no interior da Web. Nesse sentido, o leitor é também um construtor de narrativa, um leitor-editor.

O risco de perda da especificidade jornalística, apontado por Ramonet, decorre de um uso cada vez mais freqüente de ferramentas que permitem a participação ativa do usuário na construção coletiva da informação. As potencialidades da escrita hipertextual colocam em questão preceitos básicos do jornalismo, principalmente o suposto papel da mídia de organizar o caos da informação, selecionando e hierarquizando os fatos do dia ou da semana para o leitor, segundo interesses pré-estabelecidos pelos emissores das mensagens jornalísticas.

A questão passa evidentemente por uma política de acesso e de criação de links, que ocupa posição central na tecnologia do hipertexto. Se, além de reescrever o texto, o leitor puder também exercer a função de editor, controlando assim o processo de produção da notícia, não seria a própria instância da mídia que correria o risco de desaparecer? É lícito e exequível pedir que todos os cidadãos se transformem em jornalistas? Talvez seja mais sensato pensar que a emergência do jornalismo colaborativo possa contribuir para uma maior horizontalidade do processo de difusão da informação, que tem permanecido por tempo demais nas mãos de uns poucos.

Se hoje se discute o futuro e o papel das mídias tradicionais frente ao avanço inevitável e necessário das mídias digitais, é porque estamos diante de uma demanda histórica por maior democratização do acesso à informação e, não menos, pela necessidade de se modificar alguns padrões e rotinas inerentes ao processo de produção jornalística. E, nesse caso, parece não haver dúvida de que a narrativa hipertextual está ao lado do receptor.



Referências bibliográficas

AQUINO, Maria Clara. “Um resgate histórico do hipertexto”. Disponível em: <http://www.compos.com.br/e-compos>. Acesso em 21/02/2007.

CORDEIRO, Andréia. “O que é o hipertexto electrónico e de que forma altera a organização e a utilização dos textos?”. Disponível em: *Digilitweb*: <http://www.uc.pt/diglit> Acesso em 23/3/2007.

DELEUZE, Gilles e GATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 1*. Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.

LANDOW, George. *Hipertext: the convergence of contemporary critical theory and technology*. Baltimore, John Hopkins Univ. Press, 1992.

LEÃO, Lúcia. *O labirinto da hipermídia: arquitetura e navegação no ciberespaço*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2. ed., São Paulo: Editora 34, 2000.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. “A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais”. In: Líbero. Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero. Ano IX, No.17, junho 2006, pp.83-93.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. “Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. In: Compós 2002 – Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 11, 2002, Rio de Janeiro. Anais. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/quao_interativo_hipertexto.pdf. Acesso em 26/maio/2007.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira; RECUERO, Raquel da Cunha. “Hipertexto Cooperativo: Uma Análise da Escrita Coletiva a partir dos Blogs e da Wikipédia.” In: VII Seminário Internacional da Comunicação 2003, Porto Alegre, Anais. Porto Alegre, 2003. Disponível em: http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/hipertexto_cooperativo.pdf. Acesso em 26/maio/2007.

RAMONET, Ignácio. *A tirania da comunicação*. Trad. Lúcia Mathilde Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.